

**Dar ou não dar voz a uma Bixa Preta?
Uma leitura da canção de Linn da Quebrada**

*To give or not to give voice to a Bixa Preta?
A reading of Linn da Quebrada's song*

André Luiz Souza da SILVA¹
Clara Mayara de Almeida VASCONCELOS²

Resumo

A literatura, como produto social, constitui-se espaço de reverberação sobre o contexto sócio-histórico e cultural de seus agentes. Assim, diante da necessidade de dar/ter voz em uma sociedade de conjuntura falocêntrica, torna-se necessária a discussão do presente tema. Para tanto, este trabalho propõe-se a analisar a canção *Bixa Preta* de Linn da Quebrada, como forma de desconstruir os estereótipos relacionados à participação LGBT na sociedade, em especial no que concerne às mulheridades que também são inerentes à identidade de pessoas LGBT que se identificam e se reconhecem no gênero feminino. Em meio ao desvozeamento, falta de direitos e sufocamento gerados pela sociedade patriarcal em um dos países que mais apresenta mortes violentas de LGBT, reconhece-se aqui a promoção da visibilidade e luta por direitos. Trabalhamos à luz das contribuições de Gouveia (2011), Vieira (2011), entre outros, para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e interpretativista.

Palavras-chave: Linn da Quebrada. Letra de Canção. *Bixa Preta*.

Abstract

Literature, as a social product, constitutes a space of reverberation about the socio-historical and cultural context of its agents. Thus, given the need to give/have a voice in a society of phallogentric conjuncture, it is necessary a discussion about this theme. Therefore, this work aims to analyze the song *Bixa Preta* by Linn da Quebrada, as a way to deconstruct the stereotypes related to LGBT participation in society, especially with regard to women who are also inherent to the identity of LGBT people who identify and recognize themselves in the female gender. In the midst of the devouring, lack of rights and suffocation generated by patriarchal society in one of the countries

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (UEPB).
E-mail: andreluiz.bans@gmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (UEPB).
E-mail: claramay.vasconcelos@gmail.com

with the most violent LGBT deaths, the promotion of visibility and the fight for rights is recognized here. We work in the light of the contributions of Gouveia (2011), and Vieira (2011), among others, for the development of this qualitative research of bibliographic and interpretative nature.

Key words: Linn da Quebrada. Song lyric. *Bixa Preta*.

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de interpretar a letra de canção intitulada *Bixa Preta* (2017), da artista Linn da Quebrada. Através da interpretação, deseja-se estabelecer o viés literário da letra de canção enquanto um gênero textual que possibilita a denúncia social, que é um dos papéis da literatura. Compreendendo que a artista se reconhece negra, consideramos a produção não só de autoria negra, mas de temática negra, com parâmetros sobre os contextos excludentes da sociedade brasileira e que reverberam preconceito e segregação, juntamente com a sexualidade e identidade de gênero da própria intérprete.

A metodologia que se faz necessária é de caráter interpretativista, o que corrobora a natureza qualitativa da abordagem tanto teórica quanto analítica. A pesquisa é qualitativa porque se vale da própria interpretação, a qual, como bem sintetiza Durão (2015, p. 382): “o cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação”. Vale salientar que a metodologia de análise literária “trata-se, como todos sabem, de um objeto com características peculiares: tem um forte apelo conotativo, está investido de uma dimensão estética essencial. Toda obra artística é a simbolização de uma experiência humana e está ligada – queira ou não o autor – a um contexto histórico [...]” (PINHEIRO, 2011, p. 26).

A partir disso, estabelece-se a letra da canção como uma potencializadora de denúncias sociais, nesse caso, o eu-lírico da canção é inferiorizada e diminuída por sua sexualidade. Entretanto, observa-se uma resignificação por meio da linguagem, o que suscita o empoderamento do corpo negro, travesti/transsexual e de periferia. Para tanto, nos debruçaremos nos dizeres de Vieira (2011), Gouveia (2011), Preti (1984; 2010), Bagno (2017), entre outros.

Partindo dessas contribuições, este trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e documental que está organizada em seções. A

primeira seção intitulada “Primeiros enlaces teóricos” realiza uma discussão acerca da literatura como denúncia social; a segunda é “A língua/linguagem na batalha social”, a qual busca refletir acerca da língua/linguagem enquanto ferramenta para a promoção da denúncia social e bandeira de luta e reivindicação de direitos; na terceira seção “O “enviadescer” de Linn: uma análise da letra da canção”, promovemos uma análise do *corpus* e apresentamos aos leitores como a literatura representa o âmbito social ao qual pertence, e a língua/linguagem fazem parte da luta e reivindicação de direitos.

1 Primeiros enlaces teóricos

Na produção de um texto, o autor transfere emoções e intenções, as quais tomam corpo. Esse corpo subjaz palavras, cujas são selecionadas propositalmente pelos produtores e são lidas e compreendidas de forma consciente pelos receptores. Para tanto, vejamos a seguir:

[...] devemos lembrar que além do conhecimento por assim dizer latente, que provém da organização das emoções e da visão do mundo, há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc. (CANDIDO, 2011, p. 180).

Ao pensarmos a literatura tomando como ponto de partida a citação acima, podemos compreender que os textos literários são mais do que objetos estéticos, pois se constituem, de acordo com a intenção de seu criador, como um espaço de lutas em que a sua ideologia³ e revolta contra o sistema opressor e falocêntrico ao qual pertencemos. Tal característica pode ser observada na produção de Linn da Quebrada quando denuncia o assassinato de pessoas que fazem parte da comunidade LGBT, especificamente as negras.

Partindo do contexto em que o Brasil é um dos países onde mais morrem pessoas da comunidade LGBT, torna-se indispensável que a luta pela preservação da

³ “A ‘ideologia’ é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em *última instância* pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua.” (GREGOLIN, 1995, p. 17, grifo do autor).

vida e combate à violência por questões relativas a gênero e cor ocorra em todas as esferas sociais, fato que engloba os diversos espaços de produção artística, sendo um deles a literatura. Em outras palavras, trata-se do papel humanizador da literatura sobre o qual Antonio Candido (2011, p. 182), em seu ensaio *O direito à literatura*, fala. Vejamos:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção a complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

O homem, enquanto sujeito social, precisa, de acordo com Candido (2011), desenvolver traços especiais para viver em sociedade, dentre os quais podemos destacar: “[...] a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida [...]”. Estes traços inerentes à empatia fazem com que as pessoas se coloquem no lugar uns dos outros.

Tal sentimento é indispensável, haja vista que torna, nesse caso, as pessoas mais humanas. Por sua vez, a literatura traz reflexões acerca da necessidade de tornarmos-nos mais humanos em várias produções ao longo do tempo, como se pode observar, por exemplo, na obra de Mia Couto, no que concerne ao lugar da mulher na sociedade moçambicana; Mary Shelley, ao apresentar ao leitor que o verdadeiro monstro não era a criatura feita por Victor Frankenstein, mas os “seres humanos” que não aceitavam nada diferente de seu padrão na sociedade; Nízia Floresta, por exemplo, com o seu poema *A lágrima de um caeté* ao denunciar a espoliação que os colonizadores promoviam contra os indígenas, entre tantos outros exemplos que podemos encontrar na literatura não só brasileira, e nos mais diversos cenários de produção, seja canônico ou não.

Para tanto, o homem precisa estar aberto às reflexões sobre o seu papel em sociedade. Preservar a vida e respeitar os direitos dos agentes sociais é essencial, pois por mais diferente que o seu semelhante lhe seja, isso faz parte da diversidade cultural do âmbito social. É a não observação desses fatos que fazem com que os sujeitos que não se enquadram no padrão branco e heteronormativo sofram as mais diversas injustiças e violências. Destarte, a literatura está aberta e é um campo profícuo para a

luta por equidade.

Através da literatura, é possível realizar críticas e denúncias sociais que potencializem a identidade dos sujeitos, os quais sofrem preconceitos e exclusões sociais. A literatura faz isso por meio da arte e suas vertentes, principalmente por que esta não é obra fixa ou fixada, seu caráter é atemporal. De acordo com Vieira (2011), os estruturalistas aplicaram teorias linguísticas às conceituações e objetos literários e, desse modo, estabeleceram que a estrutura não expressava o conteúdo, mas ao contrário, que esse conteúdo era “motivador” das formas.

A linguagem literária se desvia da norma, nesse caso, da norma padronizada como relevante, aceitável e “correta” para o bem falar e escrever, visto que “a literatura, dessa maneira, deforma a linguagem comum, o que causa um efeito de ‘estranhamento’” (VIEIRA, 2011, p. 16). Pensando nisso, iremos teorizar a literatura por meio da concepção de que ela abarca uma linguagem específica que possibilita a discussão dos padrões, tanto linguísticos quanto socioculturais. Mas antes disso, entendamos o seguinte:

A literatura [...] é vista como uma manifestação de arte, e a palavra é seu material. É a linguagem que lhe dá vida. Não qualquer linguagem, mas, uma elaborada ao ponto de ser geradora de sentidos. Enfim, a forma como explora as possibilidades verbais em seus vários níveis é seu traço essencial (VIEIRA, 2011, p. 25).

Ao compreendermos que a literatura se faz nos mais variados traços verbais, entendemos sua materialização por meio dos gêneros textuais, ou melhor, dos chamados gêneros literários. De acordo com Gouveia (2011), a teoria dos gêneros literários e suas discussões remontam tempos antigos da cultura ocidental. Assim, “os clássicos nos legaram a sistematização e a conceituação de vários gêneros literários, mas três deles se destacam: o épico, o lírico e o dramático (GOUVEIA, 2011, p. 73). Devemos compreender que:

[...] os gêneros são tipos de enunciados que estão vinculados à comunicação humana, entendemos que eles são constituídos por meio da interação e relação dialógica, isto ocorre por intermédio da linguagem. Estes pontos, à posteriori, foram estudados por Bakhtin - filósofo russo que abordou a linguagem como uma prática de socialização e que se faz a partir desta prática (SILVA, 2018, p. 25).

A natureza humana, juntamente com suas práticas sociais, é múltipla, logo, os gêneros também são. Isso nos possibilita discutir sobre a letra de canção enquanto um

gênero discursivo/textual. De acordo com Araújo (2011), analisar uma canção também contribui com uma análise do fazer poético. Assim, é natural que o estudo da música também desperte interesse dos críticos literários. Estudar letra de músicas também é realizar análises poéticas. Portanto, faz-se necessário saber que:

Durante um longo período, a poesia (letra) foi direcionada ao ouvido através da voz. A separação entre música e poesia deu-se na Idade Moderna, com a invenção da imprensa. Entretanto, mesmo separado da música, o poema continuou preservando traços daquela antiga união. Certas formas poéticas ainda vigentes como o Madrigal, o Rondó, a Balda e a Cantiga aludem francamente às formas musicais (SANTOS, 2016, p. 08).

Dessa maneira, a letra é parte da música que se constitui poesia quando enuncia algo. Compreendendo que os enunciados são os dizeres, nesse caso, de um poeta, podemos depreender que a letra de canção, a depender de seu enunciado, também será literária, pois será poesia. Mas esse dizer ocorre de que forma diante da canção escolhida para análise? Bem, como dito, a concepção de linguagem que adotaremos a seguir será deveras importante para o desenlace de nossas discussões.

2 A língua/linguagem na batalha social

Através da linguagem expressamos pensamentos, desejos e vontades, mas também agimos e reagimos enquanto sujeitos proativos que divergem e que concordam, que empoderam e excluem. Enfim, toda manifestação por meio da qual o homem é ator, se faz por intermédio da linguagem. A linguagem, para Bagno (2017), é uma faculdade da espécie humana que possibilita que todo indivíduo represente e expresse, de forma simbólica, sua experiência de vida, bem como produzir e transmitir os mais variados conhecimentos. A língua é a área verbal da linguagem, seja escrita ou falada. A língua está vinculada à identidade particular e nacional.

Assim, de acordo com Bagno (2017, p. 224), “as línguas sempre têm sido bandeiras debaixo das quais grupos específicos se reúnem para defender ou reivindicar seus direitos e, do mesmo modo, bandeiras que os Estados constituídos desfraldam para exercer sua política de controle social [...]”. A língua se faz a partir dos gêneros, nessa ocasião, por meio da letra de canção.

A letra de canção selecionada é da artista Linn da Quebrada, a qual assume uma

conduta do uso linguístico que consagra suas letras com o adjetivo “enviadescer”, termo criado pela própria cantora, denotando algo como conquistar força ao se empoderar com a identidade de “viado”, que é análoga também à palavra “enviadescer”. O comportamento linguístico é parte dos sujeitos, pois: “o comportamento linguístico é resultante da interação de diversos fatores de ordem psicológica, ideológica, étnica, política etc. e depende, em boa medida, da cultura linguística vigente numa dada sociedade” (BAGNO, 2017, p. 50).

Nesse ideal de comportamento linguístico, e com vias transgressoras, as canções de Linn se colocam no campo da linguagem tida como obscena, o que está intimamente ligado aos “palavrões”, por exemplo. Assim, é um uso marginalizado, bem como são os sujeitos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e travestis). Compreende-se o seguinte: “opõe-se à linguagem corrente (e disso o falante guarda consciência), servindo à descarga efetiva, à injúria, quer como índice de coloquialismo, quer como expressão carinhosa [...]” (PRETI, 1984, p. 27).

Isso salienta o fato de que a sociedade estabelece uma “moralidade” às palavras. De acordo com Preti (2010), o povo conota valores éticos às palavras e esses valores só são transformados no momento em que a sociedade também transforma seus costumes. A partir disso, porque uma artista que é ativista da causa de minorias assumiria o uso de termos tidos como obscenos em suas canções?

O uso da língua não é neutro. Todo embate social faz-se a partir de decisões sociais que ancoram nosso fazer político diante daquilo que nos agride ou que nos incomoda socialmente. Assim, é natural o uso de uma linguagem que também é desprezada. O que não desfaz o possível caráter literário que a letra venha a ter, pois a “arte da palavra” faz-se não só pela “beleza”, mas também pelo engajamento social. Por isso, concorda-se com Silva (2018, p. 21): “a linguagem não possibilita apenas a interação dos sujeitos, mas age como uma ferramenta de batalha e indignação social: ora espada, para os preconceituosos, ora escudo, para os indivíduos de grupos restritos”.

3 O “enviadescer” de Linn: uma análise da letra da canção

Em meio a um contexto marcado por violência, promover a luta por visibilidade, equidade e respeito em uma sociedade patriarcal e falocêntrica constitui um trabalho árduo e constante, pois se trata de resistir em um ambiente inóspito a quem “foge” do

padrão imposto como pressuposto de aceitação no meio social.

Uma vez que o ponto de vista do leitor é fator imprescindível, e defende a idéia do relativismo histórico e cultural, que se apóia na mutabilidade do objeto, assim como da obra literária dentro de um processo histórico. Trata-se, portanto, de um método eminentemente social, pois há uma constante interação das pessoas envolvidas, considerando-as sujeitos da História. A obra literária é uma estrutura lingüístico-imaginária, constituída por pontos de indeterminação e de esquemas de impressões sensoriais, que – no ato da criação ou leitura – serão preenchidos e atualizados, transformando o trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. Estamos diante, portanto, de um ato de comunicação entre escritor-obra-leitor. (CAMPOS, 2006, p. 42).

A produção artística, em suas inúmeras manifestações, proporciona ao seu receptor a oportunidade de reler as narrativas criadas ao longo do tempo que se constituíram com base em uma relação de subjugação de quem não se enquadra no padrão considerado “aceitável”; ao mesmo tempo, as manifestações artísticas permitem desconstruir os estereótipos criados, além de criar a oportunidade de denunciar a marginalização de determinados grupos. Conforme afirma Machado (2011, p. 06):

A sociedade ocidental foi construída sob um regime patriarcal e falocêntrico. Herdeira de uma tradição judaico-cristã, a cultura sempre relegou a mulher uma posição marginal na sociedade; nesse sentido a mulher foi oprimida, subjugada, negada e silenciada. No caso da mulher negra, observa-se um duplo movimento de exclusão: uma marginalização por etnia e outra por gênero.

Ao observar as considerações de Machado (2011), acerca das características da sociedade à qual pertencemos, baseada em uma concepção moral cristã que tem como centro o homem, enquanto isso, a identidade feminina é negada e desvozeada. Este quadro é aprofundado quando se trata de uma mulher negra, que é duas vezes emudecida. Porém, quando se trata de uma mulher trans e negra, como é o caso da canção *Bixa Preta*, elas são três vezes excluídas da sociedade, pois são mulheres, trans e negras.

A letra de canção selecionada como *corpus* de análise é intitulada *Bixa Preta*⁴ que tem interpretação de Linn da Quebrada sendo de composição da própria cantora. Lançada em 23 de fevereiro de 2017 e com mais de 700 mil *plays*. Através da música,

⁴ Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>>. Acesso em: 17 de jun. 2019.

os artistas podem realizar críticas sociais que denunciam a segregação, subalternização e exclusão social. Vemos, na primeira estrofe, a seguir, a colocação de um corpo e sua identidade, o que também pontua o estereótipo que ocasiona a sátira desse sujeito, acompanhe:

Bicha estranha, louca, preta, da favela / Quando ela tá passando todos
riem da cara dela / Mas, se liga macho / Presta muita atenção / Senta e
observa a tua destruição

Contudo, o eu-lírico da canção se empodera nos verbos imperativos ao estabelecer que seu “agressor” arrepender-se-á de suas atitudes preconceituosas; além do eu-lírio mostrar que exerce determinado poder que se caracteriza pela desconstrução das relações estabelecidas entre ele e o “agressor”, fato que é evidenciado quando se ordena que o macho (representante do falocentrismo e da heteronormatividade) preste atenção, sente e observe as atitudes da “Bicha estranha, louca, preta, da favela”. Em outras palavras, a destruição dos estereótipos que buscam exacerbar a condição de subalternização imposta à Bicha. Para tanto, há a necessidade de promover a conscientização e o respeito às diversas existências, pois:

[...] linhagem, raça, condição, natureza, casta, classe social, que podem ser compreendidas quando a visibilidade do outro é determinada como um ser menor em dignidade e direitos, o que implica comportamentos discriminatórios a tudo que é considerado diferente ou estranho. As formas mais comuns de preconceito se enquadram na discriminação social, racial e sexual. No que diz respeito a gênero, existe o sexismo, que está basicamente vinculado a duas concepções: um gênero é superior ao outro e uma orientação sexual é superior à outra, cujo desdobramento está no que hoje conhecemos como homofobia, lesbofobia, transfobia, isto é, qualquer manifestação discriminatória em relação a homossexualidade, ao transgênero ou travesti (PERES, 2013, p. 57 *apud* SANTOS; KOEHLER; SOUZA NETO, 2017, p. 25044).

Destarte, consoante Peres (2013), a invisibilidade, desvozeamento e a não representatividade de pessoas por meio do preconceito à homossexualidade, ao transgênero e/ou ao travesti constituem práticas sexistas que se baseiam na concepção de que um gênero é superior ao outro. Fato que, associado ao contexto de uma pessoa negra que mora em uma favela, é aprofundado por questões referentes a preconceito de cor e condição socioeconômica.

Desse modo, a segunda estrofe da canção apresenta em seus primeiros versos uma ressignificação de si, assumindo os adjetivos que a sociedade lhe rotula e fazendo

disso uma ferramenta de ataque-defesa. No verso final, o termo “foder” estabelece não só o viés obsceno, mas também erótico da canção. Observe:

Que eu sou uma bicha, louca, preta, favelada / Quicando eu vou passar
e ninguém mais vai dar risada / Se tu for esperto, pode logo perceber /
Que eu já não tô pra brincadeira / Eu vou botar é pra foder

Apreende-se, conforme exposto acima, como o ato de “enviadescer” é constituir-se como uma forma de empoderamento, uma vez que os rótulos negativos que a sociedade lhe atribui são incorporados pelo eu-lírico para se caracterizar e se diferenciar dos outros, ao passo que essa distinção serve de mote para mostrar que ela “uma bicha, louca, preta, favelada” é uma agente social que se ressignifica e empodera-se ao utilizar a seu favor a adjetivação preconceituosa que lhe deram.

O eu-lírico, ao longo da letra da canção, inicia integrando-se pessoalmente, num ciclo que contempla três etapas, conforme destaca Vidal (2002, p. 25-26 *apud* SANTOS; KOEHLER; SOUZA NETO, 2017, p. 25047):

Um primeiro dinamismo se orienta para atingir a maturidade e a integração pessoal: a sexualidade é uma força para edificar o ‘eu’. O segundo dinamismo tende a realizar a abertura da pessoa ao mundo do “Você”; a sexualidade possibilita a relação interpessoal que culmina na construção de um projeto de vida. O terceiro dinamismo é a abertura ao ‘nós’; trata-se do horizonte social da sexualidade, que serve para construir o ‘nós’ num clima de relações interpessoais cruzadas.

Conforme aponta Vidal (2002), pode-se apreender a partir do posicionamento do eu-lírico que a Bicha Preta, em um primeiro momento, busca edificar o “eu” ao se empoderar por meio da autoafirmação de quem ela é: “que eu sou uma bicha, louca, preta, favelada”. Assim a Bicha Preta subverte o tom sério e ameaçador da sociedade ao se auto afirmar com a caracterização que antes era pejorativa e a colocava à margem e, agora, traz para si como forma de empoderar-se “e ninguém mais vai dar risada”.

O segundo dinamismo pode ser observado quando o eu-lírico afirma: “Se tu for esperto, pode logo perceber / Que eu já não tô pra brincadeira / Eu vou botar é pra foder”. Nesse momento a Bicha Preta estabelece uma relação interpessoal ao inserir o “tu”, ou seja, consoante Vidal (2002, p. 25-26) ela realiza “[...] a abertura da pessoa ao mundo do ‘Você’”. Um novo projeto de vida é criado; ela vai mostrar que não está mais disposta a ser humilhada, diminuída e ignorada, pois ela vai reagir aos ataques e vai se fazer ouvida, ela será percebida pelos outros em sociedade.

Adiante, na próxima estrofe, temos novamente uma atribuição pejorativa de si. Mesmo que não se considere, ou seja, o que os versos apontam, o eu-lírico se conhece e reconhece por aceitar que mesmo os estereótipos fazem parte de si, a aceitação não é do preconceito, mas dos termos excluídos que são utilizados para excluir e marginalizar, utilizados como forma de resistência. Assim, ressignifica-se a linguagem em ideal de persuasão e luta. Vejamos:

Ques bicha estranha, ensandecida / Arrombada, pervertida / Elas
tomba, fecha, causa / Elas é muita lacração

Os verbos **tombar**, **fechar** e **causar** tomam semântica positiva, isto é, há uma variabilidade de sentido diante dos termos. Tombar, fechar e causar são ressignificados em um contexto em que passam ter um valor semântico relativo a chamar a atenção. Voltar os olhares dos outros para si não é algo em vão. Em uma sociedade em que as pessoas da comunidade LGBT são ignoradas e os seus direitos são sonogados na maioria das vezes por serem marginalizadas, e consideradas um ser a parte/diferente porque para o sexismo exercido eles nem são “homens” nem “mulheres”, há a necessidade de mostrar que eles existem sim e precisam ser respeitados. Além disso, o ato de chamar a atenção leva-nos a outra conjuntura que marca a vida da(s) Bicha(s) Preta(s) que pode ser observado na estrofe seguinte.

A seguir, os versos se concretizam numa colocação fonética. Por meio da sonoridade da sílaba final do termo “preta”, vemos a canção introduzir a sequência “TRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ” que remete ao conceito da onomatopeia. Figura de linguagem que tem a funcionalidade de indicar sons e/ou ruídos. Nessa lógica, “a bicha louca, preta, favelada”, estabeleceu por meio do recurso, uma analogia a tiros de armas de fogo. Realidade das periferias brasileiras a qual se coaduna com a identidade do eu-lírico que é preta e favelada. Adiante:

Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ / Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ,
TRÁ / Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ / Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ,
TRÁ, TRÁ

O artifício onomatopeico também faz o leitor reverberar sobre o cenário brasileiro em nível internacional que está entre os países que mais mata pessoas LGBT. O “preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ” é o barulho da arma de fogo matando mais uma pessoa

em nome de um discurso⁵ marcado pela heteronormatividade, da família tradicional e cristã, do sexismo, racismo e discriminação por cor e classe social. Mais uma pessoa foi assassinada, mas esta é marginalizada e o seu assassino ficará impune, uma grande parcela da sociedade não quer ouvir o barulho ensurdecedor dos tiros, pois a carne mais barata é a carne negra, como destaca a canção.

Vemos emergir, juntamente com o panorama da favela e das periferias, uma identidade de empoderamento reconhecendo-se negra e “bicha” o que, segundo Silva (2018), é feito com a finalidade de realizar defesa para com a comunidade LGBT, pois os próprios sujeitos ressignificam os termos pejorativos em símbolo de resistência. Essa identidade é impulsionada nos versos a seguir, onde o primeiro verso reafirma a identidade negra de forma análoga aos super-heróis, por exemplo, que usam de mantos ou capas:

A minha pele preta, é meu manto de coragem / Impulsiona o movimento / Envaidece a viadagem / Vai desce, desce, desce, desce / Desce a viadagem

Assim, observa-se que o terceiro dinamismo ocorre por meio da letra da canção, visto “[...] que serve para construir o ‘nós’ num clima de relações interpessoais cruzadas” (VIDAL, 2002, p. 25-26 *apud* SANTOS; KOEHLER; SOUZA NETO, 2017, p. 25047). A desconstrução dos estereótipos e denúncia social, que a canção proporciona, promove esse dinamismo necessário para estabelecer relações interpessoais e colocar em prática a empatia que a literatura é capaz de desenvolver por meio desse exercício de humanização tão necessário nesse contexto de intolerância no qual (sobre)vivemos.

Por meio desse exercício de fruição acerca da canção, podemos compreender que:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual (JAUSS, 1994, p. 25).

⁵ Discurso refere-se “ao uso da língua em um contexto específico, ou seja, a relação entre os usos da língua e os fatores extralinguísticos presentes no momento em que esse uso ocorre. Por isso, o discurso e o espaço da materialização das formações ideológicas, sendo por elas determinado. Nesse sentido, pode ser visto como uma abstração, porque corresponde a ‘voz’ de um grupo social”. (ABAURRE; ABAURRE, 2007, p. 10).

Por fim, o verso final dessa estrofe estabelece o empoderamento social de forma significativa, com a expressão “descer a viadagem”, que está relacionado com o “enviadescer” citado na seção anterior. O final desta seção, fica a cargo da própria Linn, com fala em uma entrevista cedida a Paulo Floro, do site *OGrito!* Veja:

Na minha música este ‘se posicionar’ é inevitável. E não porque eu esteja cantando para apontar o dedo de alguém, mas justamente porque celebro a minha vida, o meu corpo. Um corpo negro, feminilizado, periférico. Celebro a vida de todas que são iguais a mim e isso vem da nossa resistência, de construir novas narrativas pra nós mesmas. O posicionamento vem daí, dessa recusa de seguir a lógica de uma sociedade falocêntrica e no lugar dar foco e potência total às mulheridades.

A artista enfatiza a necessidade do posicionamento, uma vez que é impensável, para ela, ser um corpo negro, feminino e de periferia que se subjeta aos posicionamentos falocêntricos da sociedade, com a finalidade única de seguir uma lógica que só satisfaz o patriarcado. Assim, celebra-se a resistência.

Considerações finais

Ao término deste trabalho, é possível depreender que a letra de canção é um gênero não só textual, mas também de caráter literário, pois se debruça na crítica social, assim, é instrumento de denúncia e carrega valores de uma dada época. Mas que também se faz atemporal, além de carregar as marcas que rompem com ideais que se padronizaram culturalmente, como exemplo tanto social quanto linguístico. Assim, a literatura é linguagem e instituição, nas quais se enlaçam diferentes imaginários, sensibilidades, valores e comportamentos por meio dos quais as comunidades manifestam e debatem, simbolicamente, seus estorvos, seus anseios e seus sonhos (LAJOLO, 2006).

A abordagem à sexualidade e à negritude por meio da obscenidade, como se pôde observar na canção aqui analisada, não é por acaso, mas pela necessidade de se transformar os contextos socioculturais de maneira “agressiva”, pois o que muitos veem como atos de rebeldia exacerbada, nada mais é do que a busca por aceitação e respeito. Desse modo, este artigo constituiu-se por meio de reflexões acerca da representação de mulheridades negras que não pertencem ao padrão heteronormativo a partir da análise da letra da canção *Bixa Preta*, de Linn da Quebrada, como forma de dar voz e

visibilidade a grupos sociais que são historicamente marginalizados por questões de gênero, cor e classe social.

Por fim, observa-se que no contexto de reflexões teóricas pautadas no pós-estruturalismo, em que as discussões são permeadas por demandas políticas, torna-se necessário levar a voz das minorias pertencentes ao grupo LGBT, posto que o desvozeamento delas não ocorre apenas pelas poucas discussões em contexto acadêmico, mas também no que concerne à quantidade de pessoas assassinadas e invisibilizadas socialmente. Portanto, este artigo contribui como espaço de denúncia a todos os tipos de violência que ocorrem contra quem está fora do padrão heteronormativo, branco e cristão.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna. 2007.

ARAÚJO, Luís André Bezerra de. Elementos constitutivos da canção popular. In: RIBEIRO NETO, Amador. **Linguagem da poesia**. v. 4. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 57-68.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

CAMPOS, A. F. A formação do leitor através do método recepcional. In: **Cadernos de Ensino e Pesquisa da FAPA** - n. 2 - 2º Sem, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <www.fapa.com.br/cadernosfapa>. Acesso em 17 de março de 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

DA QUEBRADA, Linn. Entrevista Linn da Quebrada: hora de celebrar o corpo preto, feminilizado e periférico. Entrevista concedida a Paulo Floro. In: **Revista OGruto!** Disponível em: <<http://revistaogrito.com/entrevista-linn-da-quebrada-hora-de-celebrar-o-corpo-preto-feminilizado-e-periferico/>>. Acesso em: 17 de jun. 2019.

DA QUEBRADA, Linn. **Bixa preta**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>>. Acesso em: 17 de jun. 2019.

DURÃO, F. A. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. In: **Debate: reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. São Paulo: Delta, 2015.

GOUVEIA, Arturo. **Teoria da literatura: fundamentos sobre a natureza da literatura e**

das categorias narrativas. v. 3. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações.** v. 39. São Paulo: Alfa, 1995, p.13-21.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Cristina Vasconcelos. Construção da representatividade feminina na obra "O fio das missangas" de Mia Couto. In: **Simpósio Internacional Literatura, Crítica e Cultura V: Literatura e Política**, Juiz de Fora, 2011.

PERES, Willian Siqueira. Juventudes, diversidades e processos de subjetivação. In: PESSINI, Leo; ZACHARIAS, Ronaldo. **Ética teológica e juventudes: interpelações recíprocas.** Aparecida: Santuário, 2013, p. 51-84.

PINHEIRO, Hélder. Pesquisa em literatura: atitudes e procedimentos. In: PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em literatura.** 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011, p. 15-59.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica.** São Paulo: LPB, 2010.

SANTOS, Ewellin Valesca Rodrigues dos; KOEHLER, Sonia Maria Ferreira; SOUZA NETTO, André Luiz Monteiro de. Homossexualidade e educação: percepção de uma população de estudantes de cursos de Pedagogia e Psicologia. In: **Congresso Nacional de Educação. EDUCERE**, 2017, Curitiba. ANAIS do XIII Congresso Nacional de Educação. EDUCERE., 2017. v. 1.

SANTOS, Gilvamarque Pereira dos. Letramento literário no ensino fundamental por meio de letras da música popular brasileira. In: **VI Encontro de Literatura infanto-juvenil e ensino.** Campina Grande: Realize, 2016, p. 01-21.

SILVA, André Luiz Souza da. **Gíria LGBT como empoderamento linguístico: a construção de sentidos no gênero "meme".** 78 f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Língua Portuguesa). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

VIDAL, Marciano. **Ética da sexualidade.** São Paulo: Loyola, 2002.

VIEIRA, Flaviano Maciel Vieira. Abordagem poética. In: RIBEIRO NETO, Amador. **Linguagem da poesia.** v. 4. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 13-26.